

ÁLVARO BUFARAH JÚNIOR

abufarah@uol.com.br

Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/CNPq - Brasil)

REFLEXÃO SOBRE AS MUDANÇAS NA LINGUAGEM DO RADIOJORNALISMO BRASILEIRO APÓS A CHEGADA DA INTERNET

RESUMO

O meio rádio teve suas características ampliadas e potencializadas pela internet, possibilitando uma diferenciação de seus conteúdos por meio da agregação de vídeos, imagens, gráficos, etc. Neste contexto o radiojornalismo foi favorecido por novos recursos técnicos e de linguagem que possibilitaram uma melhor adequação do conteúdo ao público, que passou a ter mais poder de escolha. Este texto busca refletir sobre as alterações de linguagem do radiojornalismo brasileiro, comparando os perfis dos textos dos programas antes e depois do advento da Internet, baseado em uma pesquisa bibliográfica exploratória que utiliza alguns dos principais teóricos do jornalismo radiofônico e da linguística.

PALAVRAS-CHAVE

radiojornalismo; discurso; narrativa; internet; notícia

A NOTÍCIA NO RÁDIO: HISTÓRIAS DO COTIDIANO

Para Lage (2005), o que caracteriza o texto jornalístico e o que o diferencia dos demais é o volume de informações factuais resultantes da apuração e dos tratamentos, que têm por objetivo informar e não convencer dos dados. O autor complementa que a base do texto jornalístico é a notícia que é a exposição de um ou mais fatos novos ou desconhecidos do mesmo evento, com suas circunstâncias. Neiva (2013, p. 401) conceitua esse fato como o “relato de fatos e acontecimentos, recentes ou atuais, ocorridos no país ou no mundo, veiculado em um meio de comunicação e o assunto tema deste relato”. Muitos autores utilizam o conceito de notícia como sinônimo de informação, porém, devemos diferenciar ambos

os conceitos. Para este estudo, utilizaremos a definição de Neiva (2013, p. 205), para quem a informação é “conhecimento ou fato de interesse geral, tornado do conhecimento público ao ser divulgado pelos meios de comunicação”. Portanto, podemos afirmar, com base nos conceitos expostos, que a notícia contém informações necessárias para serem apresentadas ao público, sendo ela o conteúdo produzido, editado e entregue ao consumidor.

O meio radiofônico encontrou no gênero jornalístico um dos seus pilares para a programação (música-esportes-notícias); isso pode ser verificado pelo fato de no processo de segmentação das emissoras terem sido criadas algumas especializadas em informação. No entanto, todos os gêneros estão baseados na mesma estrutura narrativa originada nas limitações técnicas do meio.

Meditich (1999) propõe uma abordagem diferenciada para o discurso do radiojornalismo, em que afirma que a notícia no meio radiofônico não transmite apenas a realidade, mas cria a representação sobre ela, em que se manifestam não apenas o referencial de realidade, como também a subjetividade de seus produtores e a intersubjetividade de sua inserção social, idiosincrasias pessoais, valores e saberes profissionais, constrangimentos e orientações organizacionais, fixações espaço-temporais “rotinizadas”, condicionamentos técnicos e tecnológicos, injunções econômicas e políticas, e determinações históricas e culturais que estabelecem as possibilidades e os limites de abordagem da realidade operada pela rádio informativa.

Para Meditsch (1999), a forma do discurso no meio rádio tem como padrão diferencial o suporte material auditivo e sua condição de invisibilidade, que estabelecem características únicas ao formato da linguagem que, por sua vez, teve seu uso condicionado devido a limitações do meio e a adaptações trazidas do jornalismo impresso (antecessor do rádio na linha histórica de desenvolvimento dos meios). O pesquisador complementa afirmando que o gênero não ocorre no discurso, mas através dele, na interação social por ele possibilitada, uma vez que o conteúdo da informação radiofônica é condicionado intersubjetivamente pelo emissor e pela audiência (auditório) a que se destina, e a amplitude dessa audiência e sua posição social também condicionam a forma de construção da realidade da mensagem informativa radiofônica.

Para Angel Faus Belau (1981, p. 169), o produto sonoro radiofônico vai além das estruturas condicionantes do programa inserido na programação de uma emissora, para assumir uma dimensão ampla, marcada pela intencionalidade da produção de um conteúdo específico que condiciona

a mensagem a ser enviada. Dessa forma, esse produto diferencia-se pelos seus atributos técnicos e psicológicos dentro do espectro das comunicações humanas.

No radiojornalismo, os textos (estruturados em roteiros) são produzidos para o melhor entendimento do público. Para tanto, o uso da voz e de outros recursos sonoros são fundamentais. No rádio, os elementos que “carregam” e organizam a informação são a voz, a oralidade, conjugada a outros signos sonoros (ruído, música), e o silêncio. A palavra propõe o conteúdo do fato transmitido, enquanto o ruído, a música e o silêncio ambientam e oferecem ao ouvinte a sensorialidade; isto é, são responsáveis por “transportar” o receptor ao “clima”, ao cenário do acontecimento, proporcionando a chamada criação de imagens mentais, tão faladas quando o objeto de estudo é o meio de comunicação rádio analógico. Quando sonoplastia e texto entram em equivalência, um traço da materialidade da palavra é emprestado à sonoplastia e vice-versa. Trata-se da transmutação do verbal em sonoplastia (efeito sonoro e trilha) e da sonoplastia em verbal em um processo de equivalência e justaposição de sentidos, em que paralelismo e simultaneidade se equilibram (Silva, 1999, p. 81).

Armand Balsebre (2000, p. 27) define o sistema semiótico radiofônico como um conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas por sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo funcionamento conjunto desses recursos na recepção sonora e imaginativa-visual dos ouvintes.

○ TEMPO DA FALA E O DA ESCRITA NO RADIOJORNALISMO

Diana Luz Pessoa de Barros (2001) apresenta uma linha de estudos coerente e auxiliar a esses conceitos, uma vez que analisa a escrita e a fala como sistemas cognitivos complementares, e não paralelos ou concorrentes. A pesquisadora examina as duas modalidades pela perspectiva de uma organização textual-discursiva em que há graus ou posições intermediárias de variações entre os polos. Dessa forma, afirma que os textos falados e escritos têm papéis diferentes nas sociedades que servem, e ambos constroem sentidos em modos diversos, com estratégias e procedimentos diferentes ou preferenciais. Para tanto, as posições intermediárias entre fala e escrita também são outras formas de produzir sentido nos discursos.

Barros analisa as características temporais, espaciais, actoriais do discurso falado/escrito e os traços de oralidade e sincretismo da expressão – conjuntos de elementos utilizados em várias pesquisas como

diferenciadores das modalidades (fala e escrita). Com relação ao aspecto temporal, devemos salientar que na fala a elaboração e produção coincidem, enquanto na escrita há dois momentos diferentes: o primeiro em que se elabora o texto, e o segundo em que ele é efetivamente produzido. Esse contexto indica que a concomitância ou não da elaboração e produção decorrem de três características: planejamento e não planejamento, ausência e presença de marcas de formulação e de reformulação e ainda, continuidade versus descontinuidade. Assim, separam-se: a escrita planejada antes de sua realização não apresenta marcas de formulação e de reformulação e suas unidades duram mais do ponto de vista da dimensão e da complexidade; e fala, não planejada antecipadamente, apresenta traços de formulação e de reelaboração que assumem diferentes papéis na interação verbal e ocorre de forma fragmentada em “jatos ou borbotões” (Barros, 2001, p. 61).

Ao aplicarmos esses conceitos aos meios de comunicação, podemos entender que as notícias apresentadas (faladas) nos jornais de televisão e no rádio são planejadas antecipadamente por meio de textos escritos, que praticamente serão lidos com pequenas mudanças no momento de sua realização. Para que isso ocorra, o texto é estruturado de forma mais entrecortada, com unidades menores e menos complexas para facilitar o entendimento. Porém, com o uso de novos recursos tecnológicos trazidos pela revolução da informação, os textos dos meios eletrônicos passaram a ser construídos com menos tempo de apuração, sendo muitas vezes improvisados pelos apresentadores que leem e interpretam os conteúdos apresentados pelas redes sociais, agências de notícias e outros canais noticiosos disponíveis no ambiente online.

De toda forma, a base de produção dos noticiosos ainda é o levantamento de dados com entrevista, que têm diferentes graus de planejamento, como a preparação da pauta, a entrevista propriamente dita e a edição. Com o plano feito previamente, a entrevista tem menos marcas de elaboração e reelaboração. Contudo, há modificações na edição da fala para a escrita, uma vez que o editor altera a estrutura do conteúdo retirando hesitações e as características entrecortadas da fala que foi gravada para ser veiculada.

Devemos somar a essas características as diferenças do espaço, uma vez que as falas pressupõem um contado direto em um tempo determinado, em que as partes envolvidas utilizam recursos de expressão como gestos, expressões faciais e corporais, além de entonações das vozes. Já no texto escrito temos o destinador e destinatário centrados no mesmo espaço. Assim, o emissor lança mão de outros recursos de linguagem para complementar sua mensagem (por exemplo: falou bravo!). Portanto, não

é possível assumirmos que os discursos falados e escritos produzam os mesmos efeitos de sentido. Há diferentes posições relativas ao espaço do discurso que decorrem de textos diferentes, que empregam recursos e estratégias linguísticas-discursivas diversas para assegurar a comunicação e a interação entre os sujeitos envolvidos.

Outro fator diferencial é o ator na fala e na escrita, pois este é o sujeito que assume papéis na organização narrativa do discurso, investidos da categoria de pessoa e preenchidos por temas e/ou figuras. Além das diferenças já reconhecidas de “falantes e ouvintes” e “escritores e leitores”, temos de colocar nesse contexto temas e figuras diferentes relacionadas aos recursos distintos de expressão (sonoridade e visualidade).

Elementos que também distinguem os atores da fala e da escrita dizem respeito aos papéis narrativos que cumprem e ao investimento na categoria de pessoas. Resultantes desses conceitos, temos alguns dos traços mais comuns de individualização da fala e da escrita: a construção coletiva do texto em pelo menos duas vozes ou a quatro mãos e a alternância de papéis entre falantes e ouvintes versus a construção individual do texto (ou de uma voz) e a ausência de alternância de papéis (escritor/leitor). No meio rádio, desde seus primeiros programas, podemos registrar a participação popular por meio de telefonemas, cartas, concursos, programas de auditório, etc. Ou seja, os programas radiofônicos, incluindo os jornalísticos, buscam promover essa alternância de papéis, e, após o processo de digitalização dos conteúdos, essa variação ficou mais nítida com o uso das redes sociais.

Também temos a aproximação versus o distanciamento da enunciação dando o efeito de imparcialidade ou parcialidade, dependendo da aproximação ou distanciamento do enunciatário para com o discurso. Esse recurso é a base da tentativa de dar credibilidade ao texto jornalístico, em que o autor se posiciona de forma a criar um distanciamento linguístico dos fatos para parecer isento em sua narrativa.

Cabe destacar outro elemento importante, que é a descontração versus a formalidade, recursos que derivam do uso do vocabulário empregado para dar efeitos diferentes (intimidade, aproximação, imparcialidade, verdade, etc.). Esse é outro elemento discursivo facilmente reconhecido nas programações radiofônicas, pois o rádio busca identificação maior com os ouvintes por meio de uma linguagem mais próxima da “falada”, são aceitos alguns desvios da língua culta a pretexto de facilitar o entendimento dos receptores. O último traço apontado por Barros (2001) é a simetria ou a assimetria dos papéis dos atores no discurso, devendo ser desdobrados em três tipos: papéis convencionais, sociais e pessoais.

Os procedimentos do discurso constroem diferentes papéis convencionais para os atores (entrevistador/entrevistado; expositor/debatedor; escritor/leitor, etc.) e sociais, com ou sem desequilíbrios (professor/aluno; patrão/empregado; amigo/amigo, etc.), e diferentes papéis pessoais ou estilos, de modo a conduzir a interação (escolha de tópicos, manutenção ou não de turnos, etc.) (Barros, 2001). Esses papéis podem ser identificados nos conteúdos jornalísticos a partir da leitura simples dos posicionamentos discursivos apresentados nas matérias, entrevistas, citações de informações, etc. veiculadas em uma emissora jornalística. Porém, com o uso das redes sociais e os impactos das tecnologias de informação e comunicação no meio radiofônico, podemos perceber que esta alternância de papéis se intensificou, pois o jornalista busca apresentar-se, cada vez mais, com aquele que se “coloca no lugar do outro”, no caso o ouvinte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe destacar que a distinção rígida entre fala e escrita não se sustenta do ponto de vista dos atores, assim como no espaço e no tempo, levando a considerarmos posições intermediárias em todos os aspectos mencionados. Em suma, podemos indicar que língua e fala são definidas por um conjunto de elementos que, muitas vezes, não estão presentes nos usos linguísticos; o que se tem de fato são posições intermediárias entre a “língua” e a “fala”, estabelecendo assim modos e formas diversas de produzir sentidos e de constituir relações entre os sujeitos, situação que pode ser registrada ao avaliarmos as diversas formas (entonação, linguagem, locução, etc.) apresentadas, se compararmos a divulgação de uma mesma notícia por programas diferentes, em emissoras distintas. Os produtores de conteúdo buscam adaptar seus textos às características de suas audiências, levando a uma variação linguística diversificada ao narrarem o mesmo fato.

A estrutura do texto locutado, no meio rádio, era baseada no roteiro impresso em laudas. A linguagem era de um texto escrito para ser “falado” pelos apresentadores de tal forma a lembrar a interação de uma conversa. Para tanto, o texto era composto com marcas do discurso de um diálogo em tempo real do locutor com os ouvintes. Com o impacto das tecnologias de comunicação, a linguagem passou a ser menos lida e mais improvisada em uma conversa entre o apresentador e os ouvintes, baseadas nos materiais que são acessados na internet ou na *newsroom* da emissora pelo jornalista no estúdio.

O efeito de imparcialidade ou parcialidade, dependendo da aproximação ou distanciamento do enunciatário para com o discurso, ainda é a

base da tentativa de dar credibilidade ao texto jornalístico, em que o autor se posiciona de forma a criar um distanciamento linguístico dos fatos para parecer isento em sua narrativa. Com o uso das redes sociais deslocamos o sentido de verdade, que antes estava nas falas das fontes (especialistas, pesquisadores, testemunhas etc.) e dos repórteres, para as múltiplas vozes que ressoam pelo WhatsApp e demais redes sociais.

Podemos afirmar que o discurso do radiojornalismo mudou para agregar novas vozes, mas mantém o controle ideológico e operacional dos processos de veiculação. Como resultado, as narrativas dos radiojornais foram deslocadas para uma nova estrutura de modulação mais próxima da fala de improviso, distanciando-se da fala estruturada nos roteiros, escrita para ser verbalizada pelos locutores. Esse processo adequa-se melhor à torrente de informações que chegam aos monitores computacionais dos apresentadores a cada minuto, impossibilitando a reestruturação das notícias em roteiros previamente organizados e minuciosamente trabalhados para terem uma ordem de apresentação justificada pela priorização das informações em blocos de editorias. Após a introdução dos novos conceitos de comunicação baseados na digitalização, os temas são escolhidos pela relevância momentânea, sendo possível o surgimento, nos minutos seguintes, de outros acontecimentos mais interessantes para serem veiculados.

A caracterização desse processo de produção está na articulação das informações seguindo a lógica de prioridades dos sites das agências de notícias na web. Os demais meios de comunicação passaram a interagir com esse novo tempo de publicação, deixando de lado a checagem dos dados, algo que era fundamental nos antigos radiojornais. A velocidade de veiculação precede a natureza dos próprios fatos narrados.

Com o pretexto da velocidade, alteramos as narrativas jornalísticas no rádio buscando maior audiência, mas fragilizamos os processos de apuração das informações. Ao somarmos isso a uma linguagem mais informal e focada em nichos de audiência, temos uma nova realidade, com narrativas enxutas, construídas de forma rápida e não reflexiva, dando status de verdade a informações produzidas por desconhecidos em condições também pouco ortodoxas. Com isso, tendemos a ampliar a interação com os ouvintes, perdendo a qualidade dos dados apresentados, alterando os conceitos basais do radiojornalismo como um produto sociocultural diferenciado, apresentado por Meditsch (1999). Por outro lado, estes processos apoiados na tecnologia são uma realidade e precisam ser mais bem entendidos para que possam ser mais bem empregados nas emissoras de radiojornalismo.

REFERÊNCIAS

- Balsebre, A. (1994). *El lenguaje radiofónico*. Madrid: Cátedra.
- Barros, D. L. P. (2001). Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In D. Petri (Ed.). *Fala e escrita em questão* (pp. 57-77). São Paulo: USP
- Faus Belau, A. (1981). *La radio, introducción a um médio desconocido*. Madrid: Editora Latina.
- Lage, N. (2005). *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Meditsch, E. (1999). *A rádio na era da informação*. Coimbra: Minerva Editora.
- Neiva, E. (2013). *Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia*. São Paulo: Publifolha: Instituto Antonio Houaiss.
- Silva, J. L. de O. A. da. (1999). *Rádio: oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica*. São Paulo: Annablume.

Citação:

Júnior, A. B. (2020). Reflexão sobre as mudanças na linguagem do radiojornalismo brasileiro após a chegada da Internet . In M. Oliveira, A. Sá & P. Portela (Eds.), *Escutar. Sentir. Guardar - Atas do I Encontro Online Audire* (pp. 43-50). Braga: CECS.